

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes:



**Teorias e práticas interdisciplinares
em espaços educativos**

2

Atena
Editora
Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes:



**Teorias e práticas interdisciplinares
em espaços educativos**

2

Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguística, letras e artes: teorias e práticas interdisciplinares em espaços educativos 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: teorias e práticas interdisciplinares em espaços educativos 2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-490-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.907212009>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: TEORIAS E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES EM ESPAÇOS EDUCATIVOS 2**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos; e artes e diálogos.

Estudos linguísticos traz análises sobre lexicologia, tradução, antropologia, prática de leitura, ensino de língua, gêneros textuais, coerência textual, argumentação, paráfrase, deslizamento e imposições identitárias.

Em artes e diálogos são verificadas contribuições que versam sobre transdisciplinaridade, literatura, cinema, dança, música, cantoria, versos poéticos, construção de significados e estudos da tradução.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEXICOGRAFIA BILÍNGUE: DIÁLOGOS ENTRE A LEXICOLOGIA, TRADUÇÃO E ANTROPOLOGIA	
Ivan Pereira de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120091	
CAPÍTULO 2	13
UMA PRÁTICA DE LEITURA ATRAVÉS DA ABORDAGEM GLOBAL: UM ASPECTO CONJUGACIONAL ENTRE INTERTEXTUALIDADE E INTERTEXTUALIZAÇÃO	
Carmen Elena das Chagas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120092	
CAPÍTULO 3	22
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O DISCURSO NAS POLÍTICAS DE ESTADO	
Edeina Rodrigues	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120093	
CAPÍTULO 4	33
GÊNEROS TEXTUAIS JORNALÍSTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Edite Sampaio Sotero Leal	
Francisca Cardoso da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120094	
CAPÍTULO 5	45
FAKE NEWS: O (DES)ENCAIXE DO GÊNERO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA	
Vanessa Borges	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120095	
CAPÍTULO 6	57
A COERÊNCIA TEXTUAL E A ARGUMENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DOS RECURSOS LINGÜÍSTICOS E TEXTUAIS EM DISSERTAÇÕES DE ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	
Virginia Maria Nuss	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120096	
CAPÍTULO 7	74
DA PARÁFRASE AO DESLIZAMENTO: SENTIDOS EM TORNO DE UMA GREVE MILITARIZADA	
Aretuza Pereira dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120097	
CAPÍTULO 8	83
IMPOSIÇÕES IDENTITÁRIAS DE GÊNERO NA INFÂNCIA ATRAVÉS DA LINGUAGEM	
Isabela Velocini	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120098>

CAPÍTULO 9..... 90

TRANSDISCIPLINARIDADE E CRIATIVIDADE PARA PENSAR OS TEMAS
TRANSVERSAIS

Joana de São Pedro Inocente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9072120099>

CAPÍTULO 10..... 96

ANDRÉ LOUCO: DA LITERATURA AO CINEMA

João Vítor de Souza-Ramos

Ewerton de Freitas Ignácio

Maria Eugênia Curado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200910>

CAPÍTULO 11..... 115

O CINEMA COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO AUDIOVISUAL: A RUPTURA
DE UM OLHAR TREINADO

Maraisa Daiana da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200911>

CAPÍTULO 12..... 125

FORMAÇÃO EM DANÇA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SOMÁTICA

Carla Gontijo Campolim Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200912>

CAPÍTULO 13..... 138

ASPECTOS INTERCULTURAIS NA MÚSICA FRANCÓFONA

Alyanne de Freitas Chacon

Bárbara Bezerra Pontes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200913>

CAPÍTULO 14..... 153

REFLEXÃO SOBRE COMPOSIÇÃO DE MÚSICA DE RAP

Ellen de Jesus Correa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200914>

CAPÍTULO 15..... 169

CANTORIA: A PELEJA DA CULTURA POPULAR E DAS IDENTIDADES

Hadson Bertoldo Sales Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200915>

CAPÍTULO 16..... 180

O [FAZER DO] CURURU SUL-MATO-GROSSENSE: UM RECORTE SOB A PERSPECTIVA

DOS CONCEITOS DE TEMPO E RESISTÊNCIA

José Gilberto Garcia Rozisca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200916>

CAPÍTULO 17..... 192

VERSOS POÉTICOS: UM SABER SOBRE A LÍNGUA

Thalita Miranda G. Sampaio de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200917>

CAPÍTULO 18..... 201

FUNCIÓN TEXTUAL Y CONSTRUCCIÓN DE SIGNIFICADOS EN *BROOKLYN* DE COLM TÓIBÍN

Norma Liliana Alfonso

Graciela Obert

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200918>

CAPÍTULO 19..... 213

IDENTIFICAÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO NO BRASIL A PARTIR DO MAPEAMENTO DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO XI E XII ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, ORGANIZADOS PELA ABRAPT

Ian Dionisio Barboza

Tânia Liparini Campos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200919>

CAPÍTULO 20..... 229

DEVIR-MULHER: A ORIGEM DA CIDADE

Sebastião de Jesus Cardoso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90721200920>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 234

ÍNDICE REMISSIVO..... 235

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEXICOGRAFIA BILÍNGUE: DIÁLOGOS ENTRE A LEXICOLOGIA, TRADUÇÃO E ANTROPOLOGIA

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 09/07/2021

Ivan Pereira de Souza

Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal-PA
<http://lattes.cnpq.br/8428374955029323>

RESUMO: Dicionários são uma obra de referência, idealizado para representar o repertório lexical de uma língua, em um determinado momento, com base na literatura concebida naquela sociedade. O fazer lexicográfico deve descrever este repertório e oferecer escolhas na forma e na intenção de representá-los. Cada palavra expressa em língua de origem chega em língua meta depois de um exaustivo trabalho de distanciamento e aproximação. As escolhas não envolvem somente os signos, envolvem as pessoas por quem os signos circulam. Neste ponto, a Lexicologia e a Lexicografia evocam a transitividade característica da Linguística entre as ciências humanas e encontra nas Ciências Sociais conceitos, paradigmas e problematizações pertinentes para representações e expressões de determinada realidade material e imaterial. A proposta deste trabalho é considerar o diálogo interdisciplinar da Linguística e da Antropologia para mediar conflitos da Lexicografia e, precisamente no caso da Lexicografia Bilíngue, este diálogo encontra suficiente respaldo nos Estudos da Tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia; Antropologia;

Estudos da Tradução.

CONSIDERATIONS ON BILINGUAL LEXICOGRAPHY: DIALOGUES BETWEEN LEXICOLOGY, TRANSLATION AND ANTHROPOLOGY

ABSTRACT: Dictionaries are a work of reference, idealized to represent the lexical repertoire of a language, at a given moment, based on the literature conceived in that society. Lexicography should describe this repertoire and offer choices in the form and intention of representing them. Each word expressed in the source language arrives in the target language after an exhaustive work of detachment and approximation. Choices do not only involve signs, they involve people by whom the signs circulate. In this point, Lexicology and Lexicography evoke the transitivity characteristic of Linguistics between the human sciences and finds in the Social Sciences concepts, paradigms and problems pertinent to representations and expressions of a certain material and immaterial reality. The purpose of this work is to consider the interdisciplinary dialogue of Linguistics and Anthropology to mediate Lexicography conflicts and, precisely in the case of Bilingual Lexicography this dialogue finds sufficient support in Translation Studies.

KEYWORDS: Lexicography; Anthropology; Translation Studies.

1 | TRADUÇÃO, TRADIÇÃO E TRAIÇÃO

Na tradição lexicográfica ocidental bilíngue, eurocêntrica, quase sempre se recebeu com cautela a máxima dos estudos da tradução

de que não existem equivalências de uma língua para outra. Talvez mais perigoso que se falar em equivalências na tradução interlínguas é sustentar qualquer solução como única e recomendável, e isso, quem parece fazer são as gramáticas contrastivas e os dicionários bilíngues. Basta começar a empreender uma tradução, seja técnica ou seja artística, de uma obra estrangeira para a língua desejada e, por mais fluente que seja nos idiomas em questão, o tradutor recorre aos dicionários bilíngues ou mesmo de língua para consultar referências, descrições, afim de resolver paradigmas do seu ofício.

No entanto, o dicionário, inseparável ferramenta do tradutor, não encerra a própria língua, pois dessa forma a estaria reduzindo à “lista”; o dicionário é sobretudo uma obra de referência, em outras palavras, um material idealizado e proposto para representar o repertório lexical de uma língua de cultura, em um determinado momento histórico, com base, preferencialmente, na literatura claramente concebida no seio daquela sociedade. Assim, sua necessidade é imediata e sua contribuição imprescindível: o fazer lexicográfico deve descrever este repertório, analisar seus sentidos e sentires, enfim fazer uma escolha na forma e na intenção de representá-los. Cada palavra, ou *signo*, em língua de origem chega à língua meta depois de um árduo trabalho de distanciamento e aproximação até se concluir, naquele instante, uma solução reconhecível e aceita segundo as formas do discurso e as normas de uso, gerando um pacto de retextualização inédito, de acordo com as escolhas do tradutor, definidas por questões de ordem ideológica. Esse pacto por sua vez, não envolve somente os signos, envolve as pessoas por quem e por onde os signos circulam. Neste ponto, a Lexicologia e a Lexicografia evocam a transitividade característica da Linguística entre as ciências humanas e encontra nas Ciências Sociais conceitos, paradigmas e problematizações pertinentes para representações e expressões de determinada realidade material e imaterial.

2 | O ANTROPÓLOGO, O LINGÜÍSTA: O TRADUTOR

A proposta deste ensaio é considerar o diálogo interdisciplinar da Linguística e da Antropologia para mediar conflitos da lexicografia. E precisamente no caso da lexicografia bilíngue, este diálogo encontra suficiente respaldo nos Estudos da Tradução. A forma e a intenção de tratar a informação lexical, nesta perspectiva, deve considerar a relação do sujeito com sua língua e com a sociedade e que cada referente no mundo real é condicionado culturalmente, aferindo que

[...] as zonas de contato entre a antropologia e os estudos da tradução são múltiplas e diversas. Os pontos de junção podem ser encontrados em certos conceitos analíticos que migram de uma disciplina para a outra, ou também em certas metodologias de pesquisa [...]. Em outros casos, a ponte de diálogo é constituída pelo próprio pesquisador, cuja formação e dedicação profissional são caracterizadas pela interdisciplinaridade. (STALLAERT e SCHULER-ZEA, 2012, p. 12-13).

É verdade que no trabalho em campo, Antropologia, Linguística e Tradução

frequentemente fizeram parte do mesmo labor. A necessidade de transcodificações em maior número e mais aprimoradas proporciona um vasto campo de pesquisa dentro, e entre as três disciplinas, o que garantiu que se desenvolvessem como disciplinas autônomas. Tanto as contribuições de Saussure e Sapir para a Antropologia, como Lévi-Strauss e Herda para a linguística são tão incontestáveis como definitivas para o momento científico de ambas e, apesar das pesquisas desta natureza se multiplicarem não se sabe ao certo onde a ferramenta de uma pode começar a explicar problemas da outra e vice-versa, pois tanto um quanto outro

[...] se enfrentam com o mesmo dilema colocado pelo diálogo intercultural, que é a construção de comparações. Comparar - assim como traduzir - implica em criar convergências e homologias entre elementos anteriormente díspares, sem que tal implique a nivelção de suas diferenças. (CALLON *apud* STALLAERT e SCHULER-ZEA, 2012, p. 15).

Muitas vezes, as áreas e domínios dos quais são subdivididos o conhecimento, as artes ou as técnicas de uma cultura¹ são tão estranhas a outros nichos que parecem fazer parte de “outra cultura”, ainda que dentro da própria língua, na mesma região.

Da mesma forma, crenças, costumes ou habilidades criadas em uma cultura estrangeira, podem ser assimiladas a ponto de constituir uma identidade apropriada. “Aquele necessidade de traduzir também no interior da própria língua e dialeto, mais ou menos uma exigência momentânea da mente, está também em seu efeito limitada ao instante [...]” (SCHLEIEMACHER, 2001, p. 42). Essa possibilidade de também dizer o que pertence ao outro, que foi pensada e concebida por ele, é uma capacidade que de maneira ou outra, todas as demais culturas, quando lhe são reais, podem arriscar dizer. “Assim, as línguas naturais são também uma espécie de metalinguagem universal, capaz de traduzir todos os códigos que elas mesmas *modelaram*.” (LOPES, 2001, p 20). Ou ainda “a tradução desempenhou um papel importante, mas ambíguo, na história da antropologia e da linguística. Pelo menos desde Saussure e Boas, as línguas têm sido vistas como sistemas cujas diferenças tornam a tradução precisa extremamente difícil, senão impossível² (SEVERI e HANKS, 2014, p.1). Ainda em *Tradução como princípio epistemológico geral*, é retomada a discussão sobre os limites da percepção de realidade estabelecidos pela língua com as considerações de Franz Boas, que afirma

[...] essa função de categorização era central, e ele argumentou de forma convincente que ela tem consequências sobre como os falantes de diferentes línguas percebem o mundo. Seu argumento era que a linguagem limita a percepção, mas que os padrões expressivos rotineiros da língua nativa de alguém, especialmente as categorias obrigatórias, tornam automáticas ou irrefletidas certas características dos mundos que descrevemos [...] O efeito da relatividade não tem a ver com o que um ator nativo pode expressar ou

1 Neste ensaio, consideramos cultura segundo a definição familiar entre linguistas e antropólogos de E.B. Taylor. Segundo ela, “culture or civilization, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as member of society.”

2 “Translation has played an important but equivocal role in the history of anthropology and linguistics. At least since Saussure and Boas, languages have been seen as systems whose differences make translation exceedingly difficult, if not impossible.” (SEVERI E HANKS, 2014, p. 1).

compreender, mas o (s) que ele geralmente expressa ou entende³ (BOAS apud SEVERI e HANKS, 2014, p. 3).

Não obstante, podemos perceber a importância da Linguística no diálogo também entre as ciências humanas. Segundo Lopes, “sendo a mais formalizada das ciências humanas, a Linguística assumiu, nestes últimos anos, o papel de ciência-piloto, fornecendo subsídios para uma imensa quantidade de outras disciplinas.” (LOPES, 2001, p. 20). O autor se refere as décadas de 50 e 60 do século XX, que serviu de palco para viradas culturais nas ciências, principalmente, que romperam paradigmas, sobretudo nas ciências humanas. Os trabalhos de Benjamin L. Whorf e Edward Sapir sobre o relativismo linguístico⁴, conhecida como a *hipótese de Sapir-Whorf*, foi muito divulgada entre linguistas e antropólogos sobretudo nas décadas de cinquenta e sessenta e é um bom exemplo de como a linguística, a tradução e a antropologia, em campo e em tese, se complementam para explicar fatos, tendências e maneiras de uma determinada cultura expressados por sua língua. Para essa teoria

(...) a conceptualização da realidade se revela claramente nas estruturas gramaticais e semânticas das línguas. Em outras palavras: todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Ou ainda: cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas (BIDERMAN, 2001, p. 109).

Um exemplo simples dessa cosmovisão da realidade pelas línguas naturais pode ser dado através da descrição das cores do arco-íris:

Português	Inglês	Bassa
Roxo	Purple	Hui
Anilado		
Azul	Blue	
Verde	Green	Ziza
Amarelo	Yellow	
Alaranjado	Orange	
Vermelho	Red	

Fig. 1 Correspondência das cores que formam o espectro solar em bassa, por Gleason, 1961.

Fonte: LOPES, 2001.

3“(...) this function of categorization was central, and he argued convincingly that it has consequences for how speakers of different languages perceive the World. His argument was not that language limits perception, but that the routine expressive patterns of one’s native language, especially the obligatory categories, render automatic or unreflective certain features of the worlds we describe (...) The relativity effect is not about what a native actor can express or understand, but what (s)he usually does express or understand.” (BOAS apud SEVERI e HANKS, 2014, p. 3).

4 Cf. Lucy (1996 e 1997); Werner (1997).

Segundo Edward Lopes, que usou este exemplo no seu curso de Fundamentos da Linguística contemporânea, “A figura 1 mostra que ali onde o falante do português vale-se de sete cores para designar o espectro solar, um falante de inglês se vale de seis e um falante de bassa se vale de dois.” (LOPES, 2001, p. 22-23). E acrescenta que

É claro que a diferença no modo de dividir o espectro não corresponde a nenhuma diferença na capacidade visual desses povos para perceber as cores, mas tão-somente a uma diferença no modo de representá-las através da sua língua. (LOPES, 2001, p. 23).

Essa tese é conhecida por contrariar a impressão, alguns diriam ingênua, de que as línguas seriam meras variações de expressões que remetem a significados universalmente válidos e estáveis. Porém, para Schleiermacher nas produções da arte ou da ciência, quando se deve traduzi-las de uma língua para outra, há que se considerar duas coisas que alteram completamente a situação. A saber:

(...)se nas duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra da outra, expressando os mesmos conceitos com as mesmas extensões; se suas flexões representam as mesmas relações, e seus modos de articulação coincidissem, de tal modo que as línguas fossem diferentes para o ouvido [...] (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 45).

É possível sim encontrar alguma correspondência nesse jogo de aproximação e distanciamento. *Purple* do inglês pode ser traduzido ao português como *lilás* e *roxo*, assim como no espanhol com *lila* e *morado*, o que diferencia os dois referentes e, que deve ser de conhecimento do tradutor, é a tonalidade proporcionada com aproximação ou distanciamento do branco. Só conhecemos o nome do que sabemos o que é, ainda que essa coisa, ou referente, nos seja apresentado como outra coisa que não nossa. Assim, a hipótese Sapir-Whorf “insiste no fato de que a própria percepção que o indivíduo tem da realidade, de certa forma, é pré-moldada pelo sistema linguístico que ele fala, pois, as categorias existentes nessa língua o predispõe para certas escolhas de interpretação do real.” (BIDERMAN, 2001, p. 110). Em bassa, por exemplo, há vários termos para indicação específica de certas nuances, mas só se empregam os dois termos acima para faixas gerais de cores (LOPES, 2001, p. 23). Sobre isso Schleiermacher ponderara que:

Com todas as línguas que não são próximas, que pudessem ser consideradas como simples dialetos, a situação é precisamente oposta, e quanto mais distante estão uma da outra quanto à origem e ao tempo, tanto mais nenhuma palavra em uma língua corresponde exatamente a uma da outra, e nenhuma flexão de uma apanha exatamente a mesma variedade de relações como uma da outra (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 47).

Assim as línguas naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade, “elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de uma região para outra.” (LOPES, 2001, p. 22-23). Esse real ao qual se refere Biderman, ou a realidade a qual se refere Lopes

pode ser representado, também em sùmula, como *as coisas*.

3 I O NOME, A IDEIA E A COISA

Entretanto, como já advertira Saussure, não são as coisas, mas os signos, que circulam entre o falante e o ouvinte, no *circuit de la parole*. De maneira bem simples “O signo seria afinal, algo que substitui ou representa as coisas, isto é, a realidade.” (BLIKSTEIN, 2003, p. 20). Mas para Pierce, “para que algo possa ser considerado signo, esse algo deve ‘representar’ como costumamos dizer, alguma outra coisa...” (PIERCE, p. 47 *apud* BLIKSTEIN, 2003, p. 21). Assim vemos estabelecida uma relação triádica nos processos de cognição sobre a natureza do signo linguísticos que evoca diretamente fundamentos teórica e princípios metodológicos tanto do quadro da linguística quanto da antropologia social: fatores culturais sempre mediarão a relação entre o significante – palavra – significado – coisa, como mostra a representação consagrada por Ogden e Richards⁵.



Fig. 2 – O Triângulo de Ogden & Richards.

O triângulo da significação de Ogden e Richards, como é conhecido na tradução portuguesa, tenta apresentar um esquema que descreve graficamente a tríade significante, significado e coisa. Embora consagrada por Ogden e Richards, este modelo é antigo (BLIKSTEIN, 2003, p. 24). Partindo dos estoicos na antiguidade com o triplo conceito de *senaiñon* (significante), *semainómenon* (significado) e *prâgma* (objeto); passando por Santo Agostinho na idade média com seu *verbum*, *dicibile* e *res*, onde “um signo é, com efeito, uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz vir, por si mesma, uma outra coisa ao pensamento [...]” (Santo Agostinho, 1949, p. 239), e na ciência moderna com os gramáticos de Port Royal como *nom*, *idée* e *chose*, todos estes modelos têm em

5 OGDEN, C.K.; RICHARDS, I.A. The meaning of meaning. Hartcourt, Brace & Co.: New York. 1956.

comum:

1. Situam o significado no vértice da referência, como produto de um contrato ou código social, estabelecido entre o símbolo (ou significante) e a referência. Para Saussure, o significante vincula-se a um determinado significado mediante uma “espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2000, p. 22);
2. Elegem, como mais evidente, a relação entre símbolo e referência (significante e significado em termos saussurianos);
3. Consideram que a relação entre referência e referente (ou significado e objeto extralinguísticos) é mais ou menos direta – o que mostra o que queremos dizer sobre a relatividade da realidade linguística e cultural;
4. Afirmam que não há nenhuma relação direta e pertinente entre o símbolo e o referente. Tudo é filtrado pela referência.

4 | ACONTECE QUE A IDEIA TEM UM HOMEM. E OUTRO; E OUTRO...

A circulação entre estratos, substratos (níveis, segundo Severi e Hanks) e contratos linguísticos, como as questões pertinentes sobre variação sociolinguística e identidade, por exemplo, que circunscreve princípios da antropologia e sociologia da representação é definido aqui como os traços culturais convertidos em traços linguísticos. Estes, como os regionalismos (traduzir na própria língua), acabam por questionar o que se percebe a priori como línguas próximas e línguas distantes, cada vez que modifico a minha língua, uma nova realidade me é adquirida, não cessa o processo de recepção, ou como paráfrase, ou como imitação, ou justa equivalência. Que caminho deve seguir o tradutor então? Em aprender a lidar com a irracionalidade da produção do outro e os modos de percepção de cada sujeito surge uma forma de significar e sentir inéditas. É a partir da irracionalidade, assumindo que não há equivalência de uma língua e outra que é gerado o pacto inédito de retextualização referido anteriormente. Porém, aos olhos da história

[...] todo discurso que pode ser produzido por mil órgãos sempre do mesmo modo logo desaparece necessariamente. Somente pode e deve durar mais aquele que por si mesmo forma um novo momento na vida da língua⁶. Por isso, todo discurso livre e superior quer ser compreendido de dois modos; por um lado, a partir do espírito da língua de cujos elementos ele é composto, como uma exposição amarrada e condicionada por este espírito, por este produzida e vivificada pelo falante; por outro lado, quer ser compreendido a partir do ânimo do falante como sua ação, como algo que apenas a partir do seu modo de ser poderia surgir assim e ser esclarecido. (SCHLEIEMACHER, 2001, p. 51).

Ao que tudo indica, a relação entre o sujeito e sua língua aparece com frequência nas conclusões de estudos inclusive mais recentes sobre temas desta natureza. O significado

⁶ Grifo nosso.

culturalmente marcado sobrevive enquanto a ideia que se tem sobre ele sobreviva, bem como suas formas de dizê-lo. Como num carrossel, as inquietudes sempre tendem a retomar a “o dilema fundamental formulado por Schleiermacher no começo do século XIX e reconceitualizado por Berman e Venuti na virada de 1992 como “domesticação” versus “estrangeirização”. (STALLAERT E SCHULER-ZEA, 2012, p. 15). Domesticar é a tendência do tradutor em traduzir um referente qualquer em língua de origem para língua meta tentando adaptar linguagem e conteúdo à realidade familiar do leitor: “o tradutor deixa o leitor tranquilo e leva a seu encontro o escritor” (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 57). Já estrangeirizar é a tendência de traduzir um referente qualquer em língua original para língua meta tentando ser fiel ao máximo ao escritor, mesmo que para o leitor seja um exercício mais complexo compreender as peculiaridades da língua e da cultura alheia: “o tradutor deixa o escritor tranquilo e faz com que o leitor vá a seu encontro.” (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 57). Neste caso, o espaço a ser percorrido entre a palavra e a letra é a mesma entre um homem e outro, curta em distância, mas distante em história, política e ideologia.

Quando falamos da função política da tradução, imediatamente pensamos na Lexicografia como uma ferramenta em favor da ampliação lexical, porém na visão etnocêntrica ocidental, apropriar-se do que lhe é alheio em sua língua, como integrado a sua cultura e ignorar o outro, evidenciam que a regra é domesticar. Na tradição iniciada por Schleiermacher frente as questões sobre o relativismo linguístico de Sapir-Whorf e as considerações de Biderman, Lopes e Blikstein sobre os fundamentos da Lexicologia é possível ver como a perspectiva etnocêntrica da tradução se enfraquece à medida que se aprofundam as discussões sobre o sujeito do (e no) discurso. Segundo Berman (2013), “Cada cultura deve saber se apropriar das produções de sentido estrangeiras” (BERMAN, 2013, p. 52) conforme os recursos que a língua meta dispõe para as operações que serão necessárias neste processo, contrariando a ideia de que “Se há algum mérito em traduzir, só pode ser de aperfeiçoar, se possível, seu original, de embelezá-lo, de apropriar-se dele, de lhe dar um ar nacional e de neutralizar, de certa forma, esta planta estrangeira.” (COLARDEAU, XVIII, *apud* BERMAN, p. 40).

Esta visão etnocêntrica considera que traduzir significa encontrar equivalentes, trazer para sua realidade, ou “limpá-los” das obscuridades inerentes à estranheza da língua estrangeira. Esta tradição “(...) traz tudo à sua própria cultura, às normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura.” (BERMAN, p. 39). No entanto não seria a Teoria da Equivalência Dinâmica de Eugene Nida (2004, p.129) cuja aplicação corrobora este princípio, que rendeu reflexões importantes para diferenças culturais? Segundo seu princípio não há correspondência entre línguas. O linguista ou tradutor deve sempre estar atento à noção de sentido quando opera entre a coisa e o nome. É preciso encontrar na língua meta maneiras de dizer o alheio em sua cosmovisão. Quanto maior a distância cultural, maior é a tendência de a língua expressar estranhamento. Este

princípio também aborda mecanismos icônicos sobre *distância linguística e cultural*⁷. E alerta “diferenças culturais são mais severas que diferenças linguísticas” (NIDA, 1964, p.142).

Ainda que não concordemos totalmente com o modo de pensar de Nida, sua contribuição vai muito mais além da advertência, e pode, com afirmação, suscitar problemas referente a distância e aproximação, bem como seus aspectos sociais e políticos, quando disserta sobre os elementos que definem como será a tradução da ideia da tradução, a saber: “1. *Natureza da mensagem*; 2. *Objetivo do autor/ tradutor* e 3. *Tipo de público*” (NIDA, 2004, p. 154). Estes três elementos surgem a partir de um movimento político, mesmo artístico ou científico e representam uma determinada ideologia. Assim, pode-se afirmar que a tradução é um ato político. Ora também não o são os dicionários, específicos ou gerais? Escolher o que evitar do diferente e escolher essa ou aquela forma de significá-lo o constitui como próprio, mas também alheio, quando se traduz se evita o estranhamento, quando mantém o estrangeiro, lhe atribui propriedade e “voz”. Por essa razão, escolher o que se vai traduzir, o que se quer com a tradução e para quem se vai traduzir é marca característica de políticas imperialistas, como o colonialismo (NIRANJANA, 1992), por exemplo, onde se traduz o outro para confortá-lo ao modelo opressor e para que tenham a mesma voz, em vernáculo, na Índia Inglesa; ou séculos antes, quando o português, o espanhol e o inglês deram nomes seus a realidade dos nativos americanos e asiáticos, não estavam eles silenciando-os, tirando sua voz?

Veja este trecho da Carta de Caminha sobre a notícia do Achamento do Brasil: “Segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno” (PEREIRA, 2002, p. 31).

Neste excerto aparece claro o movimento de domesticação, não de livre escolha, pois até seu reconhecimento, ou julgamento, é social e historicamente marcado. A proposta de um dicionário é consequência destes determinantes. Isto é, primeiramente se tem a intenção de comunicar-se com essa língua e cultura diferente para depois, então, começar a pensá-lo como sujeito. Dos trabalhadores, o antropólogo parece ser o mais sensível ao problema que esta ordem pode acarretar. É tornando o outro e sua cosmovisão não apenas visíveis que linguista ou tradutor vão encontrar a melhor forma de dizer saberes e sentires deste outro sujeito.

As novas necessidades transcódificações, métodos exageradamente (senão intencionalmente) domesticantes de tradução e as imperfeições inerentes à própria natureza, são algumas entre as dificuldades que enfrenta a lexicografia bilingue, sem perder de vista que este movimento provoca efeitos entrópicos na história da língua. Porém, sobre estas dificuldades, Schleiermacher, em seu momento, conclui que

⁷ Nida estabelece pares de línguas versus a cultura que encerram: Língua Próxima e Cultura Próxima – hebreu e árabe; Língua Distante e Cultura Próxima – alemão e húngaro; e ainda Língua Distante e Cultura Distante – javanês e grego.

Reconhecidas estas, contudo, há que se valorizar a tarefa em si e não se pode lhe negar o mérito. Este se baseia em duas condições: 1 que a compreensão de obras estrangeiras seja uma situação conhecida e desejada, e 2 que se conceda certa flexibilidade à língua nacional mesma. Quando tais condições se cumprem, esta maneira de traduzir chega a ser um fenômeno natural, intervindo no processo total da cultura e, ao alcançar um valor determinado, proporciona por sua vez um prazer seguro (SCHLEIEMACHER, 2001, p. 77).

Desta forma, só seria possível a tradução entre línguas mortas, onde seu léxico e sua gramática estão, digamos, fechados. Ao contrário, as obras técnicas ou artísticas nunca estarão finalizadas enquanto a língua que representam (e significam) ainda for viva e frutífera em sua cultura. A injusta denominação de “lista” atribuída às obras lexicográficas de nosso tempo, se deve, aparentemente a uma confusa inversão de objetivos. Ao lhe atribuir função prescritiva, o tradutor ou qualquer outro consulente tem precisa a ideia de língua – e sobre a língua – como duas listas de palavras em que cada uma encontra seu devido equivalente na outra e de maneira correta. Se dicionários e também as gramáticas congelam ou fotografam as línguas que descrevem é porque é necessário definir seu momento. Por acaso não se desenvolveu a medicina estudando cadáveres? Não são os dicionários que “encerram” ou “matam” a língua, apesar de que para Latour⁸ os dicionários imperariam subjetividade tornando-se *sujeito* de seu tempo e seu labor; no entanto, são os indivíduos, imersos em sua própria cultura que é coletiva e interativa, seja pensando seja fazendo-a, que são os agentes responsáveis pelo movimento que levou ao momento exato do seu encerramento, ou sua morte: o estado presente. Ora, sabemos, pelo menos entre os especialistas que a língua é e está tão viva quanto um humano pode estar. Mesmo após a morte de um indivíduo, seja ele José Saramago ou James Joyce, a língua falada por ele permanece praticamente intacta naquela sociedade, naquela cultura, mas definitivamente não será a mesma depois deles.

5 | HÁ UM CONSENSO, PORÉM LONGE DE UMA CONCLUSÃO

Ora, se considerarmos a cultura como um Todo, “uma língua é o seu resultado ou sùmula; o meio para ela operar; a condição para ela subsistir” (CÂMARA, 1962, p. 22), e ainda “cada língua natural é um microcosmos do macrocosmo que é o total da cultura dessa sociedade.” (LOPES, p. 20, 2001). Nos termos de Benjamim L. Whorf, cada língua “recorta a realidade” de um modo particular. Para Sapir “a língua socialmente formada influencia, por sua vez, a maneira pela qual a sociedade concebe a realidade”. A linguagem acaba por ter uma função heurística, pois “as suas formas predeterminam, para nós, certos modos de observação e de interpretação” (Biderman, 2001, p.110) e que “cada homem de livre pensar e espiritualmente espontâneo molda também a língua. Pois como, senão por meio dessas influências, a língua teria se formado e crescido desde seu estado primitivo e

8 LATOUR, Bruno. “Part Two: Irreductions”. Em: *The Pasteurization of France*, trans. Alan Sheridan and John Law. Cambridge, Harvard University Press. 1988.

rude até a formação completa na ciência e nas artes?” (SCHLEIEMACHER, 2001, p. 49).

Modificar minha língua para receber (entender) a do outro. Este é o movimento. Não há fórmula que garanta atingir certezas. Os dicionários buscam oferecer descrição que sirvam de referência. Para o texto, a cada tradução é gerado um pacto etnográfico de rito e validade únicos, que acrescenta saberes e dizeres àquela ou outra cultura. Culturas diferentes não veem exatamente a mesma realidade, pois esta é socialmente construída, se vê o objeto, ou referente, já a realidade é contextual, desde o momento do contato visual com o objeto a ideia que se constrói sobre ele, tudo é contextual e circunstancial, num jogo de aproximação e distanciamento. O mais importante não são os dois conceitos, mas sim o movimento entre eles.

Para que estas linhas não se percam em vão proselitismo, posso elencar dois exemplos práticos de como esta discussão pode interferir nas decisões de um projeto metalexográfico: um toca diretamente a macroestrutura do dicionário, uma nomenclatura que abarque falares regionais, consagrados pelo uso e pelo tempo, que contemplariam vozes muitas vezes silenciadas ou até mesmo menosprezadas de uma parte pulsante de uma cultura diversa; um outro diz respeito à microestrutura, está não na escolha, mas na oferta de equivalentes, sua disposição e cuidado, bastante cuidado na sua apresentação. A Lexicografia deste século não pode perder isso de vista.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A tarefa-renúncia do tradutor**. Tradução de Susana Kampff Lages. In: Werner Heidermann (Org.): *Clássicos da Teoria da Tradução*. Volume 1: Alemão-Português. 2ª Ed. Florianópolis: UFSC. 2001. p. 189-215.

BERMAN, A. **O Albergue do Longínquo. Anúncio do Percurso**, Tradução Etnocêntrica e Tradução Hipertextual. Em: *A tradução e a Letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: Copiart. 2013. p. 11-61.

BIDERMAN, M.T.C. **Teoria Linguística: leitura e crítica**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cutrix. 2003.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Princípios de Linguística Geral**. 4ª edição Rio de Janeiro: Acadêmico. 1969

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cutrix. 2001.

LUCY, J. **The scope of linguistic relativity: An analysis and review of empirical research**. In: J. J. Gumperz y S. C. Levinson (ed.), *Rethinking linguistic relativity*, 1996. pp. 37-69.

_____. **Linguistic relativity**. *Annual Review of Anthropology*, 26: 291-312, 1997.

NIDA, E. **Toward a science of translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

_____. Principles of correspondence. In: L. Venuti (ed.): *The Translation Studies Reader*, 2nd ed., London and New York: Routledge. 2004. p. 153–67

NIRANJANA, T. **Representing Texts and Cultures**. In: *History, Post-Structuralism and the Colonial Context. Siting Translation*. Berkeley: University of California Press. 1992.

OGDEN, C.K.; RICHARDS, I.A. **The meaning of meaning**. Harcourt, Brace & Co.: New York. 1956.

PEREIRA, P.R. (Organizador) **Carta de Caminha**: A notícia do achamento do Brasil. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cutrix. 2000.

SCHLEIERMACHER, F.D.E. **Sobre os diferentes Métodos de Tradução**. Tradução de Celso R. Braida. In: Werner Heidermann (org.): *Clássicos da Teoria da Tradução*. Volume 1: Alemão-Português. 2. Ed. Florianópolis: UFSC. 2001.

SCHULER ZEA, E.; STALLAERT, C. **Deslocamentos**: Estudos no duplo campo de tradução e antropologia. Apresentação e Bibliografia Parcial do Número Temático “Tradução e Antropologia”. *Cadernos de Tradução*, V. 2, n.30. 2012.

SEVERI, C. & HANKS, W. **Translating Worlds**: The epistemological space of translation. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, Vol 4, No 4. 2014. (p.1-17)

WERNER, O. **Sapir-Whorf hypothesis**. In: Peter V. Lamarque (editor), *Concise Encyclopedia of Philosophy of Language*. Oxford, New York and Tokio: Pergamon Press, 1997p. 76-83.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 12

Argumentação 49, 57, 58, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71

Artes 3, 11, 113, 116, 120, 132, 175, 184

C

Cantoria 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Cidade 22, 32, 35, 41, 54, 69, 80, 81, 99, 100, 102, 105, 108, 113, 114, 122, 125, 136, 143, 144, 148, 149, 166, 183, 193, 194, 229, 230, 231, 232, 233

Cinema 85, 89, 96, 102, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 123, 166, 200, 220, 223

Coerência textual 57, 73

Construção de significados 117, 201

D

Dança 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 183, 184

E

Ensino de língua 22, 23, 25, 31, 32, 33, 36, 41, 55, 91, 138, 234

G

Gênero 39, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 73, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 118, 144, 153, 156, 157, 159, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173

Gêneros textuais 33, 34, 35, 37, 41, 42, 64, 221, 234

I

Identidades 47, 155, 169, 170, 174, 176, 177, 178, 179, 224, 233

Interdisciplinares 224

L

Letramento 35, 37, 38, 43, 44, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124

Letras 1, 20, 28, 32, 33, 36, 83, 88, 95, 138, 140, 141, 151, 162, 167, 179, 183, 191, 213, 214, 234

Lexicologia 1, 2, 8, 223

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 12, 13, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 36, 39, 43, 47, 49, 55, 57, 58, 59, 67, 73, 79, 99, 113, 115, 153, 154, 192, 198, 213, 214, 220, 221, 234

Literatura 1, 2, 28, 29, 85, 89, 96, 113, 119, 120, 177, 199, 201, 202, 203, 214, 217, 218, 219, 222, 234

M

Mulher 101, 142, 156, 161, 229, 230, 231, 232, 233

Música 85, 89, 102, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 153, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 173, 179, 182, 184, 192, 196, 197, 225

P

Paráfrase 7, 74, 75, 76, 81, 82, 197

Prática de leitura 13, 117, 122

Práticas 20, 29, 30, 32, 39, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 76, 77, 81, 115, 117, 118, 119, 122, 126, 131, 132, 133, 135, 136, 157, 169, 170, 171, 172, 182, 218, 219, 225

R

Resistência 118, 122, 134, 166, 176, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 191

T

Teorias 46, 47, 49, 115, 117, 118, 122, 127, 153

Tradução 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 31, 32, 44, 48, 50, 55, 82, 96, 97, 98, 100, 103, 111, 112, 113, 123, 151, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228

Transdisciplinaridade 90, 91, 92, 93, 94, 95

V

Versos poéticos 192

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, letras e artes:



**Teorias e práticas interdisciplinares
em espaços educativos**

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021

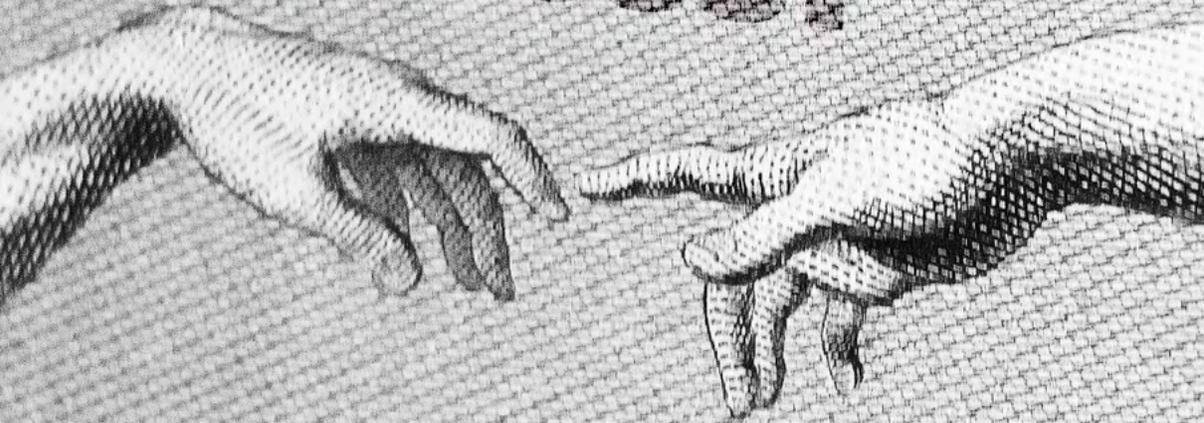
www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, letras e artes:



**Teorias e práticas interdisciplinares
em espaços educativos**

2

Atena
Editora

Ano 2021